

Podia-se chamar de puro lero-lero o estudo de Keyserling sobre "o gênio português", no mesmo sentido da expressão com que Ferrero estudou o "gênio latino".

O ilustre conde só disse palavras. As suas teses em torno da portugalidade não foram demonstradas com aquela exatidão formal tão característica dos sábios de língua teuta. A Áustria, antes e depois da bota nazi, sempre foi teuta.

Se os portugueses não apresentaram, durante o seu período de apogeu, um filósofo profissional do tipo de Spinoza ou de Kant, não se deve concluir que tivessem ogerisa às "coisas filosóficas", porque a filosofia não é somente conceito e moral (tipo "razão pura") ou fórmulas matemáticas (tipo positivismo). Não quero dar nenhuma definição do que é filosofia. Gostaria, antes, de definir o que a filosofia não é. Isso, por exemplo, de moral e conceito é apenas "moral" e apenas "conceito": não é filosofia.

Keyserling, cheio de espírito alemão, pretendeu filosofar sobre o passado de Portugal, a ver se focalizava novidades na psicologia dos lusíadas. Mas olhou Portugal apenas do meio do caminho. Não só Portugal: também a Espanha. No seu estudo, por tódos os títulos lamentável e errado, Keyserling diz que Portugal se separou espiritualmente da Espanha depois que dela se separou politicamente. Primeiro êrro, porque o desprestígio do velho reino data de um século antes. E não era questão política: era resultado de crise econômica.

Diz ainda, que Portugal não readquirirá importância política, se não voltar a unir-se à Espanha. Outro êrro, porque a separação política de Portugal decorreu da decadência espanhola, que culminou na perda da América dois séculos mais tarde.

